

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/UFMS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA/CPAQ

ARIADENE DEMETRIA CÂNDIDO VALÉRIO

**O ARTESANATO INDIGENA TERENA NA ALDEIA BANANAL: abanico e
cestaria**

Aquidauana/MS 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/UFMS

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA/CPAQ

ARIADENE DEMETRIA CÂNDIDO VALÉRIO

**O ARTESANATO INDIGENA TERENA NA ALDEIA BANANAL: abanico e
cestaria**

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC,
apresentado como exigência para a conclusão
do Curso de Licenciatura em
História/UFMS/CPAQ.

BANCA:

Vera Lúcia Ferreira Vargas Cesco/UFMS
Orientadora

Iára Quelho de Castro/UFMS
Arguidora

Janete Andrade de Lima/UFMS
Arguidora

Aquidauana/MS 2024

O ARTESANATO INDÍGENA TERENA NA ALDEIA BANANAL: abanico e cestaria

Ariadene Demétria Cândido Valerio História/UFMS/CPAQ

Vera Lucia Ferreira Vargas Cesco/História/UFMS/CPAQ

Resumo: Este artigo se refere a pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul/UFMS, Campus Aquidauana/CPAQ. Tem por objetivo demonstrar a produção do artesanato indígena Terena, mais especificamente da produção do abanico, produzido na aldeia Bananal. Para isso, entrevistamos, dialogamos com três artesãos Terena, o ancião Simplício Justino Marcos, que além de produzir o artesanato por muitos anos, ensinou as demais artesãs da aldeia, sua filha Márcia Marcos Cândido e a amiga da família Irene Cândido Valério. Recorremos a John Monteiro e a “Nova” história indígena (1995), para nos ajudar em nossas reflexões, principalmente no que diz respeito a resistência indígena (1999), como compreendemos as ações dos artesãos indígenas que permanecem produzindo o seu artesanato, nesse sentido, como resultado podemos constatar a permanência da produção do artesanato Terena, a valorização de sua produção por meio da divulgação principalmente nas redes sociais e junto aos jovens indígenas, sobretudo aos estudantes das escolas indígenas.

Palavras-chave: Terena, artesanato, aldeia Bananal.

Itatané: Enepora yutoite ihikaxovopeti ituke Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em Historia xokó hánaiti ihikaxovokuti Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul/UFMS, Campus Aquidauana/CPAQ. Hara itukóvoye isoneovoti exokeokono itukovotiye éxone itúkea pêu vôu ûti kopenotí, ita aneko koati koyuhókonotimo yara yutoití enone kixokonokú itukeokono ne kêviti xoko vipuxovokú Pânana. Motovati itukeovo ra ihíkavoti hara vitúkino xêti motoati koéxoneti, usotine xáne Wílu, exóti itúke kevití, ihikaxopa ne ihíne Márcia Marcos Cândido yoko yeno ne ínikone Irene Cândido Valério. Motovati enjea kixókonoku yútoxeakono raihíkauti kónokoa yúnzoikea John Monteiro “INÁMATI” éxetina víyeno (1995), motovati huvó’oxeanu ya isoneovoti, inapóxo kuteati koyuhókono ra kixokú vitukeovo kopenoti, motovati vexea kixoaku enepora usotine xane koukoponea ra ituke pêu vôu, koanemaka kónokea nopeova enepone itokovoké peu vôu enepora koéxonetihiko, inapoxo koeku apeyea ra vekoku vemoú, konokoa enepone inámatihiko xâne ípehea koane enepone ihíkaxovoti xoko vipuxovoku

Emouítihiko: kopenoti, itúkovoike pêu vôu, vípuxovoku Pânana

INTRODUÇÃO

Este artigo se refere a pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul/UFMS, Campus Aquidauana/CPAQ. Tem por objetivo demonstrar a produção do artesanato indígena Terena, mais especificamente da produção do abanico (embora seja mencionado a cestaria) produzido da aldeia Bananal, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município da cidade de Aquidauana. Para isso, entrevistamos três artesãos, o senhor Simplício Justino Marcos, ancião Terena, que além de produzir o artesanato por muitos anos, foi ele quem ensinou as demais artesãs da aldeia, sua filha Márcia Marcos Cândido e a amiga da família Irene Cândido Valério.

A produção do artesanato Terena está diretamente ligada aos saberes indígenas, aos cuidados e respeito com a natureza. Nesse sentido, concordamos com o pesquisador indígena Paulo Baltazar (2023), ao afirmar que:

Os povos indígenas possuem um vínculo profundo com a terra, que não é entendida apenas como lugar de agricultura de subsistência, mas também no sentido de territorialidade de diversos lugares que são personificados ou identificados de acordo com a oferta natural do território, tornando-se duas vias para o homem e a natureza. (BALTAZAR, 2023, p.202)

Partindo desse entendimento, do vínculo profundo com a terra pelos Terena, está pesquisa também demonstra o significado e a relação do artesanato com o homem e a natureza. Pois, a produção do artesanato indígena está diretamente vinculada com a natureza, uma vez que, a matéria prima é fornecida/retirada dela. Assim desde cedo aprendemos o respeito, o cuidado, o pedir licença para retirar dela o que precisamos, pedindo autorização para entrar e sair dos lugares que são necessários entrar para extrair o que é necessário.

Na busca desse entendimento, utilizei como principais ferramentas de pesquisa, as entrevistas e registros fotográficos, com os artesãos da aldeia. Foi por meio das entrevistas e das observações do processo de produção do artesanato, que este texto foi construído. Nele consta a escrita na língua Terena (Vemoú), de acordo com as informações dos entrevistados, elas foram traduzidas para a língua portuguesa.

Nesse sentido, compreendemos as ações dos artesãos Terena, dentro da concepção de “Nova” história indígena cunhada por John Manuel Monteiro (1995), quando deixou evidente que desde o contato entre indígenas e não indígenas existe uma

história dos povos indígenas, porém carregada de equívocos, uma história que sempre marginalizou os povos indígenas, desrespeitando, toda a sua trajetória. Porém, a história do contato também produziu documentos, registros que mencionavam a “violência” ou rebeldia de povos indígenas de um lado, de outro a passividade e “aceitação” da dominação. Questões que já algum tempo foram e são cada vez mais revistas por pesquisadores, que desconstruem versões, apontando para novas compreensões, mais justas no contexto da história dos povos indígenas.

Atualmente boa parte da nova história indígena tem sido escrita pelos próprios pesquisadores indígenas, entre os pesquisadores Terena constam: Cardoso (2004, 2011), Miranda (2006), Fialho (2010), Baltazar (2010, 2022) Sobrinho (2010), Amado (2014, 2019), e por esse viés compreendemos a resistência dos povos indígenas, quando eles mesmos denunciam as violências vivenciadas, quanto eles mesmos, apontam os direitos conquistados e quando eles mesmos escrevem agora no papel, dentro das universidades as suas histórias.

Nesse sentido, ser estudante indígena e estar aqui é um ato de resistência, e contribuir com ela ao falar um pouco da comunidade indígena Bananal me proporciona uma alegria imensa, pois foi a partir desse dela que iniciei minha trajetória de vida, são lembranças que nunca serão apagadas e sim bem cultivadas, carregarei comigo todos que passaram nessa longa caminhada de estudante, cada conquista que obtive nesse percurso como indígena e falante da minha língua, concluindo agora um ciclo acadêmico.

Da minha comunidade trago minha descendência indígena, meus avós falantes da língua Terena e sou filha de uma artesã, ceramista e indígena, fui estudante da rede pública de ensino e acadêmica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campus de Aquidauana/CPAQ, e para este trabalho de conclusão de curso, me sinto honrada em descrever um pouco da trajetória de vida de três artesãos, que carregam consigo saberes tradicionais que estão sendo repassados de geração para geração. E assim, acontece em nossa comunidade indígena e na minha família.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, não tive muitas dificuldades com as realizações das entrevistas, pois como já informado sou moradora da aldeia Bananal e por esse motivo tive fácil acesso aos meus entrevistados. Assim, as entrevistas foram conduzidas com tranquilidade e sem pressa para deixar o informante a vontade e falar com clareza, foram pré-elaboradas algumas perguntas, e também deixando a oportunidade deles falarem o que não foi perguntado.

Além disso conheço de perto o cotidiano da produção do artesanato, principalmente do abanico (este utilizado para atizar o fogo, para se abanar, e se proteger de insetos), e da cestaria (que tem por finalidade, o armazenamento de alimentos e decorações), como serão demonstradas mais adiante no texto.

Entre os entrevistados iniciamos com o senhor Simplício Justino Marcos, indígena Terena, nasceu na aldeia Bananal onde reside até hoje, o seu nome indígena é Wilú.

Imagem 1: Wilú (Simplício Marcos)



Fonte: Arquivo pessoal, Ariadene Candido Valério, aldeia Bananal julho de 2024.

Simplício Marcos (Wilú) morador da aldeia Bananal, atualmente com 94 anos, está com dificuldade auditiva, durante a entrevista ele se mostrou com muito interesse, e respondeu todas as perguntas. Segundo suas informações iniciou no artesanato com seus 25 anos de idade, quando o senhor Agostinho Galdino (in memória), artesão lhe ensinou a produzir o abanico, desde então sempre trabalhou com o artesanato e na roça. Ainda

afirmou que: “aneyene ovaku ra ngenó, itá ako itapanu inzikaxea, ava kaha’ati ihikaxeova ra kevite” (estou com problema auditivo, mas isso não me impedi de ensinar e repassar meu conhecimento e história para quem tiver interesse em sabe fazer o abanico).

Continuou com suas orientações “Konokoa ihikexivoa ra kixoku vitukeovo, motovati akoiyea ivakapanapu ra kixoku kapayakexea ra xe’éxapa uti”. (Você precisa aprender esse nosso jeito de viver, para que nosso costume não se perca de como sustentamos nossos filhos).

Segundo o senhor Simplício a produção e venda dos abanicos contribuíram financeiramente para o sustento de sua família, informou que saia da aldeia para vender seus artesanatos no posto Pioneiro, posto de gasolina localizado na rodovia entre a cidade de Aquidauana e Miranda, próximo a aldeia onde vários turistas passavam e muitos compravam o seu artesanato dele mesmo, ou os que ele deixava para vender na loja do posto.

Informou que ficou viúvo no dia 15 de dezembro de 1992, com a morte de dona Clementina Francelino Marcos, cuidou de seus nove filhos, Juvenal Justino Marcos, Darci Marcos, Nezinha Justino Marcos, Adelino Marcos, Zenilda Marcos, Adão Marcos, suas filhas gêmeas Marcia Marcos Cândido e Marta Marcos e seu caçula Josias Marcos. Logo após a morte de sua esposa, passou a ser pensionista do INSS, o que ajudou bastante, pois passou a ter uma renda fixa todo mês, e continuou com a produção de seu artesanato, era uma renda necessária para ajudar com as necessidades da família. Informou ainda:

eu faço colar, uma vez já vieram fazer entrevista comigo, me fizeram muitas perguntas, e respondi todas, falei sobre o colar que meu avô fazia, e seus significados, hoje usam colar de qualquer forma, as vezes só pra se mostrar, ou dizer que é índio! Antigamente não, meu avô assoprava, para que nós seus netos tivessem a proteção. (Entrevista, Simplício Justino Marcos, aldeia Bananal, 15, julho, 2024)

Como é possível perceber por meio das informações acima, o colar não era apenas a produção de um artesanato indígena, ele possuía significado diferente, o da proteção, ou seja, acreditava que estaria protegido nas lutas diárias.

Entre suas informações afirmou que já havia sido procurado por outros pesquisadores e que já havia dado entrevistas anteriormente também, por isso as informações a seguir se referem aos registros realizados por outros jovens Terena da aldeia.

Imagem 2: senhor Simplício Justino Marcos



Fonte: imagem retirada da rede social do coletivo inamati xane tereno, abril 2022.

Os registros fotográficos e áudio visuais do senhor Simplício Justino Marcos foram realizados pelo coletivo Inanamati Xana Tereno (Jovens Terenas)¹, em uma entrevista realizada em abril do ano de 2022, para registrar o seu conhecimento sobre o artesanato indígena e que durante muitos anos mantém viva nossa história.

O senhor Simplício também contribuiu com o trabalho do pesquisador indígena Cerizi Francelino Fialho, que estava produzindo sua dissertação de mestrado, corroborando com as informações anteriores, como consta na entrevista que ele concedeu:

¹ Coletivo que nasceu de uma proposta do professor Cerize Franceino Fialho, para demonstrar a importância da valorização da cultura indígena na Aldeia Bananal. Coletivo formado por jovens terenas, que são educadores, comunicadores e pesquisadores, pertencentes da terra indígena Taunay/Ipegue, os componentes desse projeto são: Cerize Francelino Fialho, Eliamara Massi, Jonatas Moreira, Adeir Fracelino e Tayli Terena.

O colar ele alega que aprendeu com seu avô e que o colar que ele fazia, eram de vários jeitos, para fazer tem colares com enfeites tem outros que não tem, . O colar dos nossos antepassados tinha algo nela, não era somente um colar, nós/eles usavam não somente por usar, tem algo naquele colar colocado pelos seus avôs, o avô assoprava o colar para que o neto pudesse estar protegido nas lutas, era por isso que o avô assoprava o colar, hoje e dia usamos só por usar, os avôs também fazia pulseira para o neto(a), nela também tinha algo pra proteção, aí quando usava ficava ágil, é isso que significa usar.” (FIALHO, 2023, p.41)

Após as devidas explicações sobre o colar, que vão muito além da produção de um artesanato indígena como o senhor Simplício mesmo observou, na entrevista citada anteriormente, retornamos para as explicações referentes a produção do abanico.

Segundo ele é preciso extrair a folha da árvore do carandá, para isso também é preciso ter instrumento adequado para a sua colheita, nesse caso, uma taquara (bambu) medindo entre 13 a 20 metros de comprimento, pois as folhas ficam na parte alta das árvores, além disso, é preciso colocar uma faca na ponta da taquara para cortar as raízes das folhas, como mostra a imagem 3. O senhor Simplício ainda observou que o pé de carandá fica fora da aldeia, em área com a vegetação fechada, no mato (hôi), e que para entrar no mato e preciso pedir permissão para ele, pois a natureza é muito importante para nós e precisamos protegê-la para ela nos proteger dos perigos que enfrentamos durante a extração da folha do carandá.

Imagem 3- extração da folha do carandá.



Fonte: Arquivo pessoal, Ariadene Candido Valério, distrito de Taunay, abril de 2024.

A imagem anterior demonstra a extração da folha de carandá, realizada pela artesã Irene Candido Valério (entrevista mais adiante no texto), na região do distrito de Taunay, utilizando a taquara com a faca presa na ponta, exatamente como explicou o senhor Simplício. Depois que a folha foi cortada, é preciso esperar de dois a três dias para ela secar, como evidencia a imagem 4.

Imagem 4 – folhas de carandá secando naturalmente ao sol



Fonte: Arquivo pessoal, Ariadene Candido Valério, aldeia Bananal, julho de 2024.

Na imagem acima já é possível perceber as separações que foram realizadas na folha do carandá, destacando/separando partes que compõem a folha, cada uma dessas partes irá formar um abanico. Ainda é possível observar que algumas das folhas já nas primeiras horas, começam a secar, mudando de cor, ficando mais claras e outras folhas demoram um pouco mais, permanecendo mais tempo com a cor verde. O processo de secassem é natural, com a exposição ao sol, nesse sentido cada artesão, realiza o seu procedimento, sendo necessário estar atento para virar a folha de cima para baixo, e depois de baixo para cima, para que a elas possam secar bem, somente depois desse processo concluído é que se inicia a produção do abanico.

Imagem 5 – artesã Irene Candido Valério iniciando o trançado do abanico



Fonte: Arquivo pessoal, Ariadene Candido Valério, aldeia Bananal, abril de 2024.

Na imagem acima a artesã já está cortando a parte molhe da folha de carandá e deixando a parte dura para dar início ao abanico, a parte mais molhe da folha é separada, pois é ideal para fazer a cestaria (vasos e decorações para casa, como será demonstrado mais adiante no texto).

Durante a entrevista o senhor Simplício, ainda me questionou se eu sabia fazer o abanico ou qualquer outro tipo de artesanato: “Ako tinoa ra kixoku vitukeovo terenoe, inematiko, konokoa ihíkexivoa ra kixokonoku itukeokono ra kevití”. (Não tenha vergonha como nós somos, terena, você é nova, você precisa aprender como fazer o abanico).

Koekuti káxe veyoponutimo ra itukóoviti ihái vanúke, inzikaxoane memaina, yoko pohuti inzine, exoanemo akahá’a ipiheane tumuneke hiko ra kixokonoku itukeokono ra kevíte, ngúxone ya xikoyoke, koeku yanahexivoa ra puxarahiko, yomi hiyeoke ra kixoku vitukeovo meku, konokea teyea ra itukovoque vóu uti. Pihene yama ra inzá, huvoóxopitimo itukóoviti

Um dia Deus irá me recolher, já ensinei sua mãe e uma das minhas filhas, ai virão delas se vão querer continuar o que ensinei para elas, o abanico, eu espero de você, agora que está no meio dos Puxarahiko (Branco), que leve para eles o nosso modo de vivencia antigamente e

que precisam respeitar, vá, leve meu nome, Deus irá junto com você.
(Trad. Ariadene Demétria Cândido Valério).

E assim, finalizo minha entrevista com o senhor Simplício Justino Marcos, quando ainda observou que sabe fazer outros artesanatos como chapéu, flecha, mais o que ele mais gosta mesmo de fazer e o abanico(kevite), pois é dele que vem todo conhecimento repassado para as duas artesãs, Marcia Marcos Cândido (sua filha) e Irene Cândido Valério. Como será demonstrado a seguir.

Entrevista com a artesã Marcia Marcos Cândido

Marcia Marcos Cândido, Terena da aldeia Bananal, tem 43 anos, casada com Valdemar Cândido, tem quatro filhos, artesã, iniciou com as atividades aos 33 anos, filha do senhor Simplício Justino Marcos, foi com ele que aprendeu a fazer artesanato, continuando com a tradição do seu pai, conhecimento que passa de geração para geração.

Segundo Marcia, o artesanato, foi uma das fontes de renda complementar da família, ela informa que foi incentivada pelo seu pai, pois era a possibilidade de ajudar na renda doméstica. Explicou novamente o processo de produção, como já foi evidenciando anteriormente com o seu pai. Ainda informou que para fazer seus artesanatos, precisa do auxílio de seu marido para colher a folha do carandá (atividade que também foi demonstrada anteriormente, imagem 3):

Meu esposo que tira para mim a folha de carandá, me sinto feliz, pois meu pai que me ensinou, repassou para mim seu conhecimento sobre o artesanato que ele faz, meu pai já está em idoso, e carregarei comigo seus conhecimentos, nosso jeito ser, nosso costume, nossa tradição. Depois que é retirada a folha ela precisa ficar dois dias secando, dependendo do tempo fica três dias, em seguida cortamos ela, deixando a parte dura e tirando a parte fraca, em seguida se dá o início que é o coração do abanico e depois vamos trançando ela até formar o abanico, esse artesanato tem sido umas das fontes de renda para o sustento da minha família. (Entrevista com Marcia Marcos Cândido, aldeia Bananal, 20, julho, 2024).

As explicações da artesã, também foram demonstradas na imagem 4, que corresponde a entrevista e as explicações de seu pai, por isso não serão comentadas novamente aqui. Porém, é importante destacar de sua entrevista, os ensinamentos que são repassados de geração para geração, no caso de sua família ela é quem continua com a atividade de seu pai, que atualmente é o artesão mais idoso da comunidade, além da artesã

Marcia, o seu sobrinho, José Justino Marcos², também aprendeu a fazer o artesanato com o seu avô. Atualmente na aldeia Bananal, temos quatro artesãos, sendo três deles da família do senhor Simplício, ele próprio não produz mais o artesanato devido a sua idade, sua filha Marcia e o seu neto José, continuam. Além desses três artesãos, constam os trabalhos realizados por Irene Cândido Valério, que embora não seja da família do senhor Simplício, foi com ele que aprendeu a fazer. E continua com a atividade na aldeia, como veremos a seguir.

Entrevista com a artesã Irene Cândido Valério

Continuando com as entrevistas apresentamos as informações adquiridas junto a artesã, Irene Cândido Valério, nasceu no dia 18 de outubro 1964, na aldeia Bananal, casou-se aos 15 anos com Albino Valério (in memoria), teve três filhas, Altamira Cândido Valério, Camila Cândido Valério e Ariadene Demetria Cândido Valério.

Aprendeu a fazer artesanato com Simplício Marcos, em 2008, para ajudar com as despesas financeiras da família, devido a problemas de saúde do seu esposo que não mais lhe permitia trabalhar na roça. O senhor Albino Valério (in memoria) era amigo de Simplício Marcos, ao fazer uma visita ao amigo já estava com dificuldades de respirar, impedido de trabalhar na roça, as dificuldades financeiras também aumentavam naquele momento. Foi quando o senhor Simplício Marcos se prontificou em ensinar e assim repassar seu conhecimento Irene Cândido Valério, esposa do seu amigo, segundo suas informações:

Aquela semana eu fui com garra pois tinha muito interesse em aprender a fazer o abanico, minha filha primogênita já estava cursando Geografia Bacharelado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) campus Aquidauana (CPAQ), e precisávamos manter ela na cidade, em uma semana eu soube fazer o coração do abanico. Em seguida o abanico inteiro, em duas semanas consegui aprender, consegui fazer dois naquelas duas semanas, desde então eu não paro. (Entrevista Irene Cândido Valério, aldeia Bananal, 16 de julho 2024)

A imagem a seguir demonstra a artesã Irene produzindo um abanico, ou seja, o coração do abanico, como explicou acima.

² A entrevista com José Justino Marcos, não foi realizada para este trabalho, devido ao fato de que o artesão se especializou na produção de outros artesanatos como brincos, colares, pulseiras e cocar. Embora o tema da pesquisa seja artesanato indígena, foi restrito ao trabalho de cestaria e abanico.

Imagem 6: dona Irene Cândido Valério produzindo abanico



Fonte: Arquivo pessoal, Ariadene Cândido Valério, aldeia Bananal, julho de 2024.

Segundo Irene Cândido Valério, o abanico e a cestaria preservam saberes dos ancestrais indígenas, eram utensílios fabricados para atender uma demanda doméstica, necessidades do dia a dia, dessa relação é importante compreender os trançados necessários para começar a dar forma o abanico, a arte de conhecer os bens culturais, os costumes e tradições, que são repassados de geração para geração:

O artesanato indígena (abanico e cestaria) precisa ser valorizado, pois é uma arte feita por nós indígenas, e compreender que a natureza precisa ser preservada e respeitada, pois é através dela que extraímos as folhas para fazer esses artesanatos e serem vendidos para renda e auxiliar na preservação desse artefato. (Entrevista Irene Cândido Valério, aldeia Bananal, 16 de julho 2024)

Nesse sentido da valorização do artesanato dentro e fora da aldeia Bananal Irene Cândido Valério tem dado uma importante contribuição, para a sua divulgação e

incentivando muitos outros jovens a conhecerem, respeitarem e a praticar a arte. Segundo suas informações:

Em 2023 no mês de abril, na semana dos povos originários, a professora Dinayde Oliveira entrou em contato comigo, perguntando a possibilidade de eu repassar meu conhecimento para os alunos da Escola Estadual Professor Domingos Veríssimos Marcos Mihin, fiquei muito feliz, pois iria receber os alunos em minha residência e repassar meu conhecimento com abanico, os alunos juntamente com a professora mostraram muito interesse sobre o abanico. De início falei para s alunos a importância desse artesanato e a preservação dela dentro da nossa comunidade e que através deles poderiam levar esse artesanato para sala de aula e compartilhar com os alunos um pouco desse saber. (Entrevista com Irene Candido Valerio, 16 de julho 2024, aldeia Bananal)

As imagens a seguir (7, 8 e 9) demonstram as atividades desenvolvidas pela artesã em sua casa, envolvendo os alunos, a professora da escola e por isso boa parte da comunidade da aldeia.

Imagem 7: Artesã com os alunos



Fonte: Arquivo pessoal Ariadene Demétria Valerio, Aldeia Bananal, abril de 2023.

Imagem 8: Artesã com os alunos



Fonte: Arquivo pessoal Ariadene Demétria Candido Valerio, Aldeia Bananal, abril de 2023.

Imagem 9: dona Irene Cândido Valério produzindo abanico alunos da escola



Fonte: Arquivo pessoal Ariadene Demétria Candido Valério, Aldeia Bananal, abril de 2023.

As atividades com a produção do artesanato indígena continuaram, e neste ano no mês de abril, de 2024, mês dedicado aos povos indígenas, Irene Cândido Valério recebeu novos convites para apresentar e ensinar o seu trabalho na cidade de Sidrolândia, segundo suas próprias informações:

No mês de abril fui chamada para participar de uma oficina no Município de Sidrolândia na aldeia Nova Tereré na Escola Extensão Aide de Souza, o convite foi enviado pelas professoras Camila Cândido Valério e Cida Farias via watsap, para mostrar e ensinar aos alunos do 3º ano, alunos das series iniciais o meu artesanato, mostrei para os alunos como se faz o início do abanico e reaproveitar as folhas com produção de cestarias. (Entrevista com Irene Candido Valerio, 16 de julho 2024, aldeia Bananal)

As imagens a seguir mostram algumas das atividades que foram desenvolvidas com os alunos, principalmente a técnica da cestaria, como evidenciam as imagens 10 e 11, assim como a arte da cerâmica, como demonstram as imagens 12 e 13.

Imagem: 10 – Irene com alunos da Escola Extensão Aide de Souza.



Fonte: arquivo pessoal professora Camila Cândido Valério, Sidrolândia abril 2024

Imagem: 11 – dona Irene com alunos da Escola Municipal Indígena Extensão Aide de Souza



Fonte: Arquivo pessoal, Irene Candido Valério, abril de 2024.

Após a sua participação na escola Aide de Souza, foi convidada para realizar uma oficina em outra escola do município, na aldeia Nova Tereré, como segue:

Na outra semana fui chamada novamente, na outra escola, no mesmo município na Escola Municipal Indígena Cacique João Batista Figueiredo na Aldeia Terere. Nessa escola eu fui como ceramista, percebi que nessa escola os alunos tinham muito interesse pela cerâmica. (Entrevista com Irene Candido Valerio, 16 de julho 2024, aldeia Bananal)

Imagem: 12 Artesã e alunos da escola



Fonte: Arquivo pessoal, Irene Candido Valério, abril de 2024.

Imagem: 13 Artesã e alunos da escola



Fonte: Arquivo pessoal, Irene Candido Valério, abril de 2024.

Para além de sua contribuição junto aos alunos das escolas indígenas, em diferentes aldeias e cidades, Irene também foi convidada para realizar uma oficina junto aos alunos do 9º ano, na Escola Municipal Erso Gomes no Município na cidade de Aquidauana, como uma atividade do Programa Residência Pedagógica/PRP, no subprojeto de História/CPAQ/PRP, com os acadêmicos Laercio Mariano, Joelson e Ariadene Demetria Candido Valério.

Foi demonstrado para os alunos do ensino fundamental, por meio de fotografias e explicações dos alunos indígenas o processo de confecção do artesanato, depois foi realizado uma oficina para a confecção da cestaria como demonstram as imagens a seguir:

Imagem 14: Oficina Erso Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/share/v/C1v58UPJirRdEMGs/?mibextid=qi2Omg>

Imagem 15: Oficina Erso Gomes



Imagem 16: Oficina Erso Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/share/v/C1v58UPJirRdEMGs/?mibextid=qi2Omg>

Imagem 17: Oficina Erso Gomes



Imagem 18: Oficina Erso Gomes



Imagem 19: Oficina Erso Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/share/v/C1v58UPJirRdEMGs/?mibextid=qi2Omg>

Imagem 20: Oficina Erso Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/share/v/C1v58UPJirRdEMGs/?mibextid=qi2Omg>

Imagem 21: Oficina Erso Gomes



Fonte: <https://www.facebook.com/share/v/C1v58UPJirRdEMGs/?mibextid=qi2Omg>

Essa atividade envolveu alunos, professores, coordenação e direção da escola municipal Erso Gomes, assim como alunos/residentes indígenas e não indígenas do PRP/História e professora do curso de História/UFMS/CPAQ.

Para além, do contexto de escolas e universidade, Irene recebeu no dia 11 de maio de 2024, mais um convite para expor o seu trabalho como artesã, em uma atividade organizada pelo Enactus, projeto de empreendedorismo desenvolvido junto a UFMS no Campus de Aquidauana um dos projetos desenvolvidos é *Ituketi – Rede de Apoio ao Empreendimento Indígena do Pantanal*. O convite para sua participação foi realizado por Dhionatan Hortêncio, acadêmico Terena, do curso de Matemática/UFMS/CPAQ, residente na aldeia Bananal.

A partir de sua participação no Enactus, Irene ampliou a divulgação do seu trabalho, e por isso também suas vendas aumentaram. Hoje em dia ela faz por encomenda os abanicos e as cestarias. As imagens a seguir demonstram o convite para a exposição do seu trabalho com o abanico e a cestaria e os artesanatos.

Imagem 21: Divulgação de participação em feira Imagem 22: Artesã Irene e seus artesanatos



Arquivo pessoal, Irene C. Valério, abr. 2024.



Arquivo pessoal, Irene C. Valério, abr. 2024.

Atualmente é por meio do programa ITUKETI, que os abanicos e cestarias da artesã estão sendo levados e vendidos para cidade de Aquidauana, Bonito e para o Estado de São Paulo. Quando questionada sobre a divulgação do seu trabalho, ela respondeu:

Estou muito agradada na vida do Dhionatan, por ter me procurado para levar fora e apresentar meu trabalho, a cestaria o abanico, eu não esperava que meu trabalho chegasse nesses lugares, sendo que vendia apenas aqui na nossa região, e hoje está em São Paulo, hanaiti pitivoko, akoti ongooneaku, itea enxoa koekuti kaxe ongoonoatimo uma cidade grande, onde nunca fui, mais eu sei que um dia eu vou. (Entrevista Irene Cândido Valério, 16 de julho de 2024)

Segundo a artesã, suas constantes participações nas escolas indígenas e não indígenas para apresentar o seu trabalho e ensinar as crianças fazerem o abanico resultaram em constantes postagens nas redes dessas atividades, o que por sua vez,

também possibilitou outros convites como participar de feiras. Segundo ela essas ações tornaram seu trabalho mais conhecido e um pouco mais valorizado fora da comunidade indígena.

Segundo informações da artesã a procura pelo seu artesanato, principalmente os abanicos pequenos aumentaram, são constantes os seus pedidos para lembrancinhas em diferentes ocasiões. Nesse sentido, observou que as redes sociais têm sido um meio de divulgação de seu trabalho e finaliza sua entrevista com as seguintes informações:

Esse abanico é uma vida, cada traçado conta minha história como artesã indígena, minha filha primogênita hoje é formada em duas graduações Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS Campus Aquidauana/Cpaq, Pedagoga pela Uniasselvi, Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Uniasselvi, Pós-graduada em Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar pela Uniasselvi e Mestranda em Educação e Territorialidades pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Sei que ela carrega consigo as vezes que saí da aldeia para vender o abanico para comprar minha passagem para poder me deslocar da aldeia para o Município de Sidrolândia. Minha segunda filha formada no curso Normal Médio Intercultural Indígena Povos do Pantanal-habilitação em educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, Graduanda de Pedagogia pela Uniasselvi também vendia para ajudá-la nas refeições durante suas idas para estudar. Minha caçula, essa ajudei mais, pois quando ela iniciou a graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS Campus Aquidauana/Cpaq, tivemos que pagar transporte para levar ela para faculdade durante o primeiro semestre do ano, e hoje está quase se formando, tenho orgulho de ser artesã, pois através de cada traçado do abanico e da cestaria consegui manter minhas três filhas na faculdade e se depender de mim, irei sempre levar o artesanato onde for, mesmo sendo pensionista do INSS, atualmente a venda dessa artesanato e uma renda complementar. (Entrevista Irene Candido Valério, 16 de julho de 2024).

Informações finais de sua entrevista, destaca que o artesanato ajudou e ajuda a manter suas filhas na universidade, assim como demonstra a importância da valorização da arte Terena dentro e fora da aldeia. A imagem a seguir é ela com sua filha.

Imagem 23: Artesanta indígena Irene Candido Valério



Fonte: Arquivo pessoal Ariadene Demétria Candido Valério, aldeia Bananal. Julho, 2024

Esta imagem reflete a importância do abanico para a artesã e a sua família. Irene continua a produzir e comercializar o seu artesanato, e assim mantém, parte da importante da história Terena.

Considerações finais

A pesquisa referente ao abanico e cestaria foi apresentada a partir da história de três artesãos indígenas, moradores da aldeia Bananal. O senhor Simplício, ancião Terena, que ensinou a arte para sua filha Marcia, e ensinou para a Irene. Atualmente as duas artesãs continuam a produzir artesanato, o senhor Simplício devido a sua idade de 94 anos e algumas limitações por parte de sua saúde, não mais produz o artesanato. Mas, foi ele que ensinou, sendo reconhecido e respeitado por todos na comunidade, como um grande artesão.

Foi possível cumprir com o objetivo proposto que era demonstrar a produção do artesanato indígena Terena, principalmente do abanico, por meio das informações obtidas nas entrevistas, com os registros fotográficos e as explicações que fazem parte do texto. Além disso, também foi evidenciado a importância do artesanato para a compreensão da história Terena, por meio de seus ensinamentos passados de geração para geração.

Por meio da produção realizada pela artesã Irene Cândido Valerio e seus ensinamentos para os alunos das escolas indígenas das aldeias Terena, o interesse pelo artesanato Terena ainda que timidamente aumentou.

Assim, este trabalho soma-se a outros produzidos por acadêmicos indígenas e espera como parte de seus resultados ampliar as informações sobre o artesanato, assim como a sua valorização, uma vez que esta diretamente vinculado a identidade Terena, pois envolve as suas tradições, suas histórias e suas técnicas.

Referências Bibliográficas.

BALTAZAR, Paulo. O processo decisório dos Terena. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2010.

_____. GEOGRAFIANA ÓYOE TÊRENOE YA POKÉ? EXAKE TONÉ YOKO IPÉAKAXOTI/GEOGRAFIA DAS AFETIVIDADES NO TERRITÓRIO INDÍGENA TAUNAY/IPEGUE. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2022.

CARDOSO, Wanderley Dias. Aldeia indígena Limão Verde: escola, comunidade e desenvolvimento local. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

_____. A história da educação escolar para o Terena: origem e o desenvolvimento do ensino médio na aldeia Limão Verde. Tese (Doutorado em História) – PUC, Rio Grande do Sul, 2011.

ELOY AMADO, Luiz Henrique. Poké'exa Ūti: o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

_____. VUKÁPANA VO o despertar do Povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político. Tese (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2019.

FIALHO, Celma Francelino. O percurso histórico da língua terena e a identidade indígena na aldeia Ipegue/Aquidauana/MS. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, 2010.

FIALHO, Cerize Francelino. RETOMÁ KIXOPOTÍ POKÉ'EXA TEREÑOEHÍKÓ IHAE TONÉ/IPEAKAXOTI: TRAJETÓRIA DA RETOMADA CAÇULA DO POVO TERENA. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, 2023.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. Territorialidades e práticas agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de MS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, A L.; GRUPIONI, L. D. B. (Org.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 221-228

_____. Armas e armadilhas: História de resistência dos índios. In: NOVAES, Aauto. **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOBRINHO, Maria de Lourdes. Alfabetização na Língua Terena: uma construção de sentido e significado. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, 2010.

Entrevistas:

Entrevista Irene Candido Valério, aldeia Bananal, 16 de julho de 2024.

Entrevista Marcia Marcos Cândido, aldeia Bananal, 20, julho, 2024

Entrevista Simplício Justino Marcos, aldeia Bananal, 15, julho, 2024.